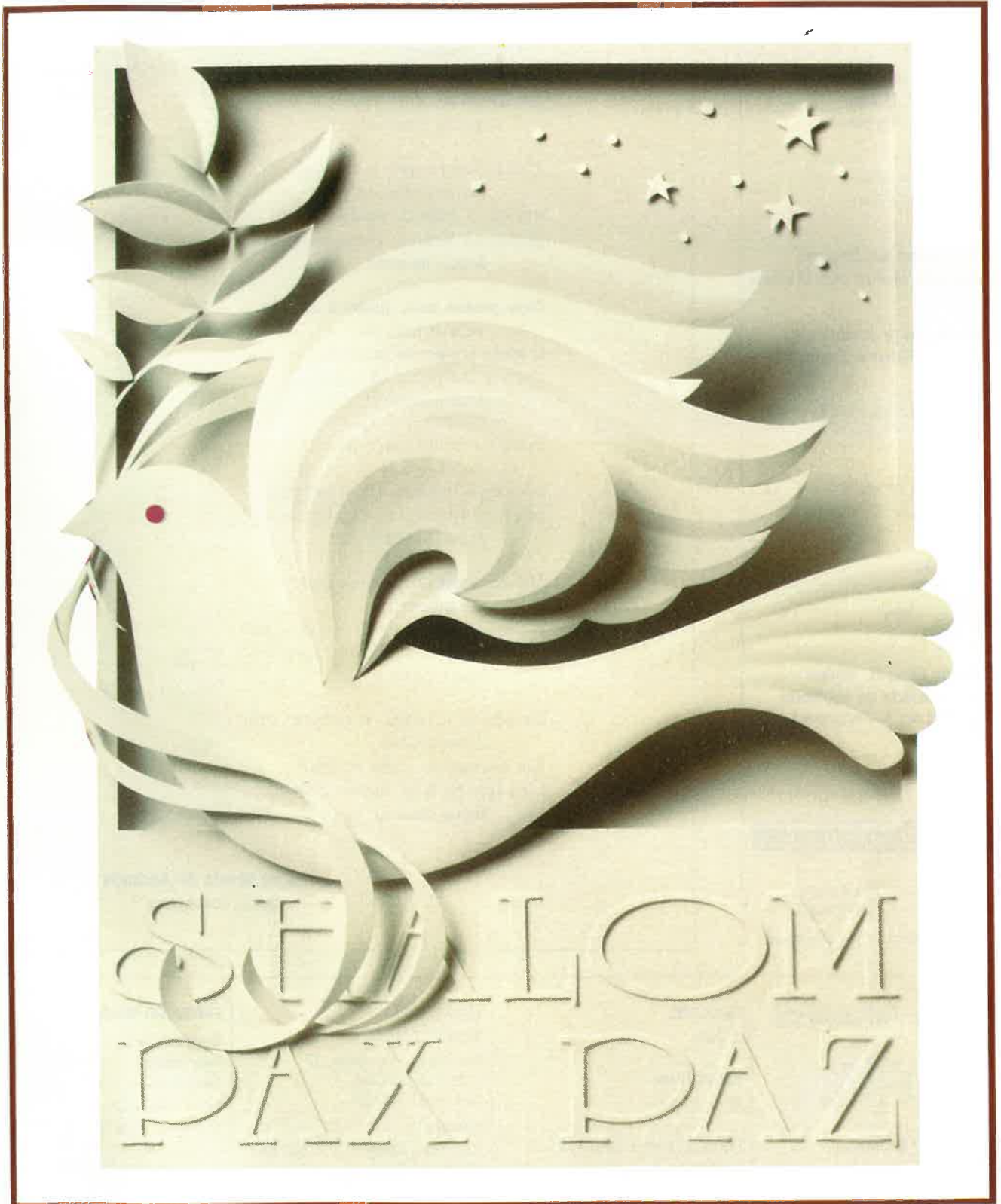


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Dezembro de 1993



NESTE NÚMERO

- 2 Jesus Nasceu**
Por Eduardo Moniz de Andrade
- 3 Mensagem Espiritual de uma Reunião Administrativa**
Por Joaquim Dias
- 4 Falando com o Pastor Alejandro Bullón**
Por M. R. Baptista
- 6 «Olhai e vivei!»**
Por Ulrich Frikart
- 7 Evangelho em Chamas**
Por José Manuel Dias Marques
- 9 Idade não é documento**
Por Dr. Hildemar Santos
- 10 O Conflito acerca das origens**
Por Frank L. Marsh
- 12 Reflexos da «SOL»**
Por Ezequiel Quintino
- 13 Notícias**
- 19 Índice 1993**
- 20 Lendo Ellen G. White: necessidade de equilíbrio**
Por Robert S. Folkenberg

PENSAMENTO DO MÊS

Cristo em vós — Justificação.
Vós em Cristo — Santificação.

Robert S. Folkenberg

Jesus Nasceu

Algo em Belém, há dois mil anos,
aconteceu,
meigo bebé envolto em panos,
um Deus menino entre os humanos,
assim nasceu!...

Fonte de luz, paz e doçura,
do céu desceu,
une-se o Anjo à criatura,
glória ao Senhor Deus na altura,
Jesus nasceu!...

Nos pastos nus, junto à cabana,
vela o hebreu,
o gado muge na arribana,
sorri o pobre na choupana,
Jesus nasceu!...

Súbito à noite claro dia
se sucedeu,
os Anjos descem com melodia,
ressoam novas, as de alegria,
Jesus nasceu!...

No coração do judeu crente
amanheceu,
o pastor segue com seu presente,
bailam sorrisos na noite quente,
Jesus nasceu!...

Desfaz-se a lenda, o próprio mito
desapareceu,
Ele baixou ao caos maldito,
p'ra que tu hoje digas contrito
Jesus nasceu!...

Eduardo Moniz de Andrade
Igreja dos Açores

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL
Dezembro de 1993 — Ano L • N.º 559

DIRECTOR:
J. Dias

REDACTORA:
M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. (01) 542169

PREÇOS:
Assinatura Anual 1000\$00
Número Avulso 100\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. (044) 402413
Fax: (044) 401575
Depósito Legal n.º 2705/83



Mensagem Espiritual de uma Reunião Administrativa

DE 5 a 10 de Novembro reuniu-se o Conselho Anual da Divisão Euro-africana, da qual Portugal faz parte. Além dos membros regulares e vários convidados, estiveram presentes o presidente e a tesoureira-associada da Conferência Geral, e o presidente da União do Pacífico, E.U., respectivamente, R. Folkenberg, R. Rick e T. Mostert.

Ao contrário do que se possa pensar, tal encontro não se limita a relatórios e decisões administrativas. Tudo isso é necessário para que a Igreja possa prosseguir o mandato de Cristo, «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura» (Mar. 16:15). O que ressalta, porém, deste encontro são as notícias encorajadoras do avanço do evangelho, são os enormes desafios que a Igreja enfrenta em grandes áreas do mundo de difícil penetração e são, muito particularmente, as mensagens espirituais apresentadas cada dia. Estas mensagens centraram-se em Cristo e no poder que n'Ele encontramos para vencer o desânimo e o pecado, assim como o poder para realizar o Seu mandato, denominado actualmente de «Missão Global». Tendo a convicção de que toda a Igreja beneficia destas mensagens, achamos oportuno partilhá-las, em resumo, com os leitores da *Revista Adventista*.

Na reunião de abertura, sexta-feira à noite, a irmã Rick focou a sua mensagem em Apocalipse 7:1-9 e Apocalipse 3. Aos quatro anjos foi dada ordem para não danificar a terra até que o povo de Deus seja assinalado. O selo é uma cobertura e simboliza as vestes da justiça de Cristo (Apoc. 3:5). Nesta sequência de simbolismo, característico do Apocalipse, surge a linda imagem dos crentes com palmas nas suas mãos (Apoc. 7:9), que lembra a palmeira, o que por sua vez é o símbolo do crente vitorioso (Sal.

92:12). Da mesma maneira como a palmeira precisa de muita água e a encontra nas profundidades das terras desérticas, nós somos convidados a permanecer em contacto com a fonte inesgotável que é a Palavra de Deus.

No sábado de manhã, o pastor Folkenberg, baseado nos textos de Hebreus 11:17 e Tiago 2:20, 21, abordou o tema, «Jesus o Salvador e Senhor da nossa vida». Nessas duas passagens, as obras e a fé parecem contraditórias, mas na verdade são como duas faces da mesma moeda.

Na caminhada cristã apresentam-se dois fossos laterais: o «legalismo», que tenta obter a salvação pelas obras, e o «evangelho barato», que só aceita Cristo como Salvador, sem submeter a sua vontade a Deus. Mas Deus não é somente o nosso Salvador; Ele é também o nosso Senhor e Mestre. Entre as muitas passagens onde aparece a expressão «Em Cristo» encontra-se a ideia «Vós em Cristo», que é a justificação, e a ideia «Cristo em vós», que é a santificação. O Senhor pede total obediência, submissão da nossa vontade, mas se a nossa obediência não é uma resposta de amor, de nada vale. É somente na aceitação de Cristo como nosso Salvador e nosso Senhor que experimentamos a paz e a segurança da salvação. É esta a mensagem que somos exortados a viver e a partilhar com os outros.

Na tarde desse Sábado, numa reunião de testemunhos e de experiências, foram dadas notícias da Igreja em Angola e alguns países de Leste. Num relato vivo e chocante, o pastor Domingos Suquina descreveu como o povo daquela rica e linda nação está a ser destruído pela guerra civil. Cerca de mil pessoas morrem cada dia e em certos lugares, como o Cuito, começaram a surgir cenas de canibalismo, devido à fome e às miseráveis condições de vida. Apesar des-

ta dramática situação, a pregação do evangelho prossegue rapidamente; a Igreja Adventista cresce sem cessar, contando neste momento com mais de 150.000 membros em Angola.

Lugares como Angola e a ex-Jugoslávia neste momento são oportunidades para demonstrar o cristianismo prático. O director da ADRA (Assistência Social Adventista a nível Internacional), P. Kunze, descreveu a acção humanitária e espiritual que a nossa Igreja desenvolve presentemente nesses países, onde a fome está a ser usada pelos políticos como instrumento de guerra. O representante da ADRA em Luanda pôde voar recentemente com toneladas de alimentos para a população carenciada do Huambo. Quanto a Sarajevo, para muitas pessoas a ADRA é a única possibilidade de comunicar com o exterior. Mais de 600.000 pacotes de alimentos e medicamentos foram distribuídos. É a ADRA que tem levado e distribuído o correio à população daquela martirizada cidade. Apesar desta triste e terrível situação, o evangelho é pregado também em Sarajevo, onde centenas de pessoas se acumulam cada Sábado na igreja, apesar de antes só existir ali um pequeno grupo de adventistas. Aqui se aplica a resposta de Jesus à pergunta: «Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer... ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou na prisão e te fomos ver?... Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequenitos irmãos, a mim o fizestes» (Mat. 25:37-40).

Numa final intervenção desse Sábado à tarde, o pastor Folkenberg resumiu as vitórias e alguns dos desafios da igreja de Deus na sua acção missionária da Missão Global. Presentemente, em cada 52 segundos, um novo membro adventista é acrescentado à igreja pelo baptismo. Enquan-

Falando com o Pastor Alejandro Bullón

to que em 1990 uma nova igreja era organizada cada dia, presentemente surgem quatro igrejas por dia, ou seja, uma em cada seis horas. Há zonas no mundo onde há um adventista em cada quatro pessoas, mas, por outro lado, lembrou o pastor Folkenberg, há partes do mundo, como a Turquia e o Afeganistão, onde a mensagem Adventista da volta de Jesus continua a ser de difícil penetração.

Durante a semana e no decorrer dos trabalhos administrativos outras mensagens foram apresentadas, sendo de salientar as intervenções apropriadas do pastor T. Mostert, que comentou o milagre de Jesus ao alimentar a multidão, seguido da tempestade no lago de Nazaré (Mat. 14). Baseado nessa experiência de Pedro, o pastor Mostert desafiou-nos a «tentar o impossível». Ele convidou a audiência a experimentar o mesmo tipo de fé que Pedro demonstrou quando pediu a Jesus que lhe permitisse caminhar sobre as águas. É esta coragem e confiança sem reservas que Deus espera de nós, para realizar as maiores aventuras na Sua causa hoje, no nosso meio também.

A nossa aceitação e entrega sem reservas a Cristo como nosso Salvador e Senhor; o exemplo de uma vivência cristã de amor prático e o apelo para uma verdadeira experiência de fé em Cristo Jesus são, em sùmula, a mensagem espiritual explícita que nos vem desta reunião administrativa para assuntos da Igreja.

Neste final do ano de 1993, ao mesmo tempo que agradecemos a Deus as bênçãos que nos outorgou, desejamos que esta mesma mensagem seja vivida por cada irmão e irmã, produzindo a experiência da certeza da salvação em Cristo Jesus. Desejamos também expressar o voto, como mensagem implícita da mesma reunião, que em todas as nossas actividades, quer sejam a nível pessoal, de trabalho, ou da igreja, a dimensão espiritual esteja sempre presente e contribua para que todo o nosso «espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo» (I Tess. 5:23).

J. Dias

Presidente da União Portuguesa

Como todos sabem, o Pastor Alejandro Bullón esteve recentemente em Portugal, para duas campanhas de evangelização, no Porto e Lisboa.

Aproveitando a estadia deste especialista em evangelização, a *Revista Adventista* fez-lhe uma entrevista, que achamos do maior interesse partilhar com os nossos irmãos.

Revista Adventista: É a primeira vez que o Irmão vem a Portugal. Quais são as suas impressões, sobretudo a respeito da evangelização no país?

Alejandro Bullón: Eu vim com uma certa expectativa de que a Europa, em matéria de evangelismo, era um terreno desconhecido e difícil. Mas estou surpreendido, porque eu vinha de certa maneira preconceituado. Achava que a evangelização aqui era difícil, mas nestas duas semanas comprovei que o evangelismo aqui é também sucedido como em qualquer país do mundo. Porque, se numa reunião com 30.000 pessoas, vêm à frente, respondendo ao apelo, 1.500 pessoas, quando numa reunião com 1.500 pessoas respondem ao apelo 100 pessoas, penso que aqui é até mais bem sucedido do que na América do Sul.

— Vendo as proporções... Qual era a média de presenças nas reuniões do Porto?

— Tínhamos em média 2.500 pessoas.

— E em Lisboa?

— Acho que 1.800, 1.500 pessoas.

— Já tem havido decisões?

— Claro! Nos apelos para um futuro baptismo passaram já mais de 100 pessoas aqui em Lisboa. E no Porto passaram umas 130. Agora, no apelo específico para o baptismo deste sábado, passaram 34 pessoas e no Porto foram baptizadas 31. Ou seja, aqui em Portugal, este 4.º trimestre do ano, o último do ano oficial — Outubro, Novembro e Dezembro — é o trimestre mais fraco em evangelização, porque os melhores são os dois primeiros. Baptizarmos 60 pessoas neste trimestre, acho que é um privilégio e mostra que a evangelização é um êxito.

— O Irmão acha que as campanhas têm decorrido de maneira superior às suas expectativas...

— Sim, muito melhor do que eu esperava.

— Qual é, na sua opinião, o futuro evangelístico de Portugal? Quais são as possibilidades imediatas? Sabemos que para ouvir as suas palestras houve gente que veio de fora de Lisboa, de fora do Porto. Que se deve fazer para se dar seguimento a este trabalho?

— Eu acho que este trabalho poderia ter sido muito mais bem sucedido se cada membro de igreja tivesse estudado a Bíblia seis meses antes com um amigo, um familiar, vizinho, colega de trabalho. Se,

Quando chegou o início da campanha, os irmãos tivessem trazido pessoas que já tinham estudado a Bíblia, o trabalho de colheita teria sido muito maior.

— **Mas, o problema talvez seja precisamente esse: Como ensinar as pessoas, ou melhor: Como convencer que elas estudem a Bíblia? Por que esse trabalho, pelo menos em Lisboa, mas creio que em todo o Portugal, é difícil. As pessoas têm uma vez, para ver como é, por curiosidade, mas não querem ser incomodadas.**

— É aqui que está o ponto. O trabalho de evangelização não tem de ser feito pelos pastores. Tem de ser feito pelo membro de igreja na sua vida diária, nos locais de desporto, na rua, nos transportes, na sala de aulas. O primeiro passo para ganhar uma pessoa para Cristo é fazer-se amigo dessa pessoa. Eu acho que nós todos temos amigos. Naturalmente, não vou a casa de um estranho e perguntar-lhe: Quer estudar a Bíblia comigo? Ninguém vai aceitar. Mas eu tenho amigos. Sei quando o meu amigo está triste. E quando alguém está triste, está mais susceptível para abrir o coração a Jesus.

A igreja tem de descobrir o segredo do evangelismo que é a amizade. Não é reunir-nos, fazer conferências. As conferências podem ajudar a colher o fruto do trabalho que a amizade do membro de igreja fez.

— **É isso que se passa na América Latina e no Brasil? E nos outros países, como vai a evangelização?**

— Deus está abrindo as portas em todo o mundo. Quando a cortina de ferro caiu, Deus abriu-nos as portas de um mundo inexplorado em evangelização. A Rússia está respondendo maravilhosamente ao evangelismo. O pastor Mark Finley terminou há dois meses uma campanha de evangelização no Estádio

Olimpico de Moscovo. Quase 3.000 russos foram baptizados. Na China, a obra está crescendo de maneira maravilhosa.

— **E na América Latina, continua o crescimento?**

— Claro! É um continente ganhador de almas, mas eu acho que o segredo que a América Latina descobriu é justamente o trabalho da amizade. Os pastores fazem evangelismo, planos para deixar de fumar, cursos de *stress* e tudo isso é necessário. Mas *nada* substitui o trabalho pessoal do membro de igreja com os seus amigos — não saindo à rua à procura de desconhecidos, porque ninguém aceita. Um estranho não aceita que outro estranho lhe diga que está errado e que ele está certo.

— **A ideia nova que o Irmão nos está transmitindo é que o evangelismo de êxito é feito através da amizade. Quer isso dizer que o crente tem primeiro de fazer amigos e a seguir transmitir-lhe o Evangelho?**

— Se pensarmos bem, o crente não tem de fazer amizades, porque o crente já tem amigos: onde compra o pão, onde corta o cabelo, onde trabalha, onde estuda. Tem vizinhos, tem família, tem tudo. O crente não tem de fazer um plano para arranjar amigos: Já tem os amigos na mão!

— **Só tem que trabalhar com eles...**

— Claro!

— **Acha o Irmão que, como Igreja mundial, podemos realmente concretizar a comissão evangelística que Jesus nos deu?**

— A Igreja Adventista, quando comparada com a população mundial, é uma gota no oceano. Mas quando a Igreja acordar para o testemunho pessoal de cada crente, ninguém vai segurar o evangelismo. O Evangelho vai ser pregado pelo testemunho, mas a Igreja, não está ainda testemunhando. A maior parte

da Igreja é crente, vai à igreja, guarda o Sábado, dá o dízimo e nada mais.

— **Talvez a maioria não testemunhe mais porque não consegue. Falta de métodos adequados? Falta de oração? Falta do poder do Espírito Santo?**

— Não consegue porque pensa que fazer trabalho missionário é tocar à porta de um desconhecido e estudar a Bíblia com ele. Mas a Igreja tem de compreender que o trabalho missionário não é tocar exclusivamente a portas de desconhecidos. Todos têm primos, tios, sogros, genros, noras, filhos, marido, mulher. Estude a Bíblia com eles! Não espere por uma campanha para testemunhar. O cristão deve viver testemunhando. Salvação e testemunho não se podem separar. São uma só experiência.

— **Uma última pergunta: Que mensagem gostaria de deixar para os leitores da Revista Adventista, para cada crente ou simpatizante?**

— Eu acho que o maior tesouro que o ser humano pode descobrir é Cristo e a Sua Palavra. Acho que a vida cristã não é apenas pertencer a uma igreja. É, acima de tudo, uma experiência diária de amor, de relacionamento, de comunhão com Cristo. Quando Cristo está no coração, o ser humano tem vontade de contar isso a outros. Esses outros não são os estranhos. São amigos, vizinhos. Quando o endemoninhado foi libertado por Cristo, perguntou-lhe: «Senhor, queres que Te siga?» Jesus disse-lhe: Não. Vai à tua casa, aos teus familiares, aos teus vizinhos, aos teus amigos!

A Igreja precisa de acordar para essa ordem: Vai aos teus, aos teus amigos. Quando a Igreja compreender isso, nada nem ninguém irá deter a pregação do Evangelho!

Entrevista feita por M. R. Baptista

«Olhai e vivei!»

O nosso olhar pode significar vida. Depende de onde o fixamos.

«**O**lhai e vivei!» Uma autora que leio habitualmente fez esta declaração.¹ Ela associa vida a um simples olhar e mostra a importância do acto de olhar. Dizia um *slogan* popular na França, anos atrás: «Quando estiver conduzindo, olhar é vida.»

Que espécie de pensamentos torna o acto de olhar um apelo à nossa mente?

Podemos pensar no olhar cobiçoso com que os anunciantes procuram incentivar, a qualquer custo, os seus produtos, a fim de os venderem, fazendo-o muitas vezes de tal maneira que inconscientemente passamos a desejá-los. Alguns talvez se lembrem do escândalo público que cercou a última campanha presidencial na França. Alegou-se que um quadro de François Mitterrand, que estava lutando pela presidência, apareceu diariamente, durante muitas semanas, num dos canais de televisão. Embora os telespectadores não estivessem apercebidos do objectivo do quadro, a sua mente registou-o. No final, Mitterrand foi eleito por uma grande maioria — atribuída, segundo alguns, àquela propaganda subliminar de televisão.

Olhares de um tipo diferente

Há olhares que revelam os nossos sentimentos internos: o pestanejar da cumplicidade; o olhar da ira (às vezes dito, de matar); o olhar de dúvida, da falta de confiança; o olhar de temor ou do movimento evasivo que revela inquietação; o olhar altivo que quebranta; olhares irritados que sufocam o amor e a espontaneidade.

Posso imaginar também o terrível olhar de um Judas traidor ou o olhar de uma multidão furiosa, gritando: «Crucifica-O! Crucifica-O!»

Mas há também o olhar animador, fortalecedor e construtivo do amor e da ternura — o olhar que conquista a confiança.

Pode-se dizer muito mais sobre o significado do olhar. Mas vamos voltar à nossa declaração inicial e considerar as suas implicações.

O que devemos olhar? E qual a implicação, para a vida, da pessoa que olha? A resposta pode ser encontrada na experiência do povo de Israel durante a sua jornada pelo deserto.

Poder num olhar

Em Números 21, lemos a respeito de como o Senhor ouviu a voz do Seu povo, livrando-o dos cananitas. Apesar dessa intervenção, os filhos de Israel levantaram-se contra Deus e falaram contra Ele e contra Moisés (verso 5). A rebelião contra Deus, com o resultante afastamento d'Ele, jamais fica sem consequências. No verso 6, lemos: «Então o Senhor mandou entre o povo serpentes abrasadoras, que mordiam o povo; e morreram muitos do povo de Israel.»

A mordida da serpente simboliza o que nos vem como resultado da nossa rebelião, da nossa incoerência, dos nossos pecados.

Apesar dessa rebelião, Deus fez provisão para o livramento do Seu povo: «Disse o Senhor a Moisés: Faz uma serpente abrasadora, põe-na sobre uma haste: e será que todo o mordido que a mirar, viverá» (verso 8).

Esta experiência leva-nos de volta à nossa declaração introdutória: «*Olhai e vivei*». A única maneira pela qual os israelitas podiam ser curados dos seus ferimentos era olhar para a serpente de metal, entendida como sendo uma representação simbólica d'Aquele que foi

levantado para todo o mundo — Jesus Cristo.

Essa experiência pode ser a mesma para todos nós. O Senhor mesmo disse a Nicodemos, ao falar sobre o novo nascimento e a salvação: «E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que n'Ele crê tenha a vida eterna» (João 3:14 e 15).

Escrevendo a respeito do mesmo assunto, diz Ellen White: «Assim pode o pecador olhar a Cristo e viver.»² Que perspectiva para a nossa vida! Esse olhar implica fé. É a certeza absoluta de que Jesus Cristo, na condição de alguém divinamente desamparado e julgado, mudou o juízo divino mediante o Seu sacrifício; a razão é que Ele levou as nossas dores, a fim de salvar da punição todos aqueles que olhassem para a cruz. Olhar para Ele significa que acreditamos que Ele é a nossa esperança, a nossa justificação, a nossa justiça. Recusar-nos a olhar, ou olharmos noutra direcção, tornaria impossível escaparmos do juízo e da condenação. Não há solução para a situação humana a não ser olhar para Cristo suspenso na cruz. Com os olhos n'Ele, tudo podemos fazer. Só precisamos entender o profundo significado desse especial olhar para cima.

Além de nós mesmos

Sabemos que é inútil olharmos para nós mesmos, pois somos incapazes de salvar-nos por nossos próprios méritos. (Isto é contrário ao ensino da psicologia moderna que, influenciada pelo humanismo, nos incentiva constantemente a contemplar a nós mesmos, a buscar dentro de nós mesmos — em nossas profundezas físicas ou psicológicas

— a solução para os nossos problemas.)

Não, precisamos olhar além de nós mesmos, para Cristo; precisamos dirigir tanto a nossa acção como a nossa vida para uma esfera exterior — a revelação divina contida no Decálogo.

O nosso olhar, além do mais, não deveria centralizar-se noutra pessoa, denunciando as faltas dos outros. Devemos olhar juntos para Cristo, e tão-somente a Cristo. Assim somos libertados, livres da constrangedora influência da sociedade que nos cerca.

De acordo com um dito popular japonês, «quando erguemos os olhos, desaparecem as fronteiras». Este é outro aspecto importante do acto de olhar. Olhar para Cristo crucificado é olhar para além das diferenças, para além das fronteiras — mesmo as fronteiras estabelecidas dentro da igreja. Só assim podemos fitar o alvo que nos une e nos ajuda a prosseguir juntos.

Sejam quais forem as dificuldades que tenhamos de enfrentar, não devemos permitir que o nosso coração se aflija a ponto de perdermos de vista aquilo que é mais importante. A nossa primeira incumbência é olhar, e este olhar nos trará vida.

Viver, ser justificado, significa compreender dia a dia a dinâmica essencial do perdão e da justificação em Cristo Jesus. Vitor Hugo, um dos mais eminentes escritores franceses do século passado, relatou a história de Jean Valjean na sua grande obra *Os Miseráveis*. Valjean havia sido sentenciado a trabalhos forçados, por ter roubado um pão.

Quando Valjean foi finalmente libertado, o bispo de Digne convidou-o para jantar. Valjean ia saindo da casa do bispo, quando avistou dois lindos candelabros de prata. Roubou-os e escondeu-os dentro do seu casaco.

Constantemente vigiado pela polícia, após ter sido libertado, Valjean ouviu alguns gritos dirigidos a ele, na rua: «O que está levando debaixo do casaco? Deixe-nos ver.»

O ladrão foi desmascarado. Certamente devia ser considerado culpado. Os polícias conduziram-no à casa do bispo. O prelado abriu a espaçosa porta, enquanto olhava para para os policiais e, com surpresa, para Valjean.

«Pai», disse um polícia, «convidas-

tes bondosamente a Jean Valjean para jantar, mas este homem ingrato roubou-vos estes dois candelabros de prata. Desta forma, vo-lo trouxemos de volta.»

Sem hesitar, o bispo informou aos polícias que os candelabros haviam sido um presente dele a Valjean.

Desse dia em diante, a vida de Valjean mudou por completo, graças à atitude do bispo. Foi a dádiva do perdão que ocasionou aquela mudança. Toda a vez que as nossas incoerências e pecados nos condenam, podemos estar certos de que a condenação pode ser mudada em perdão e vitória. É um ma-

ravilhoso dom que cada um de nós pode receber de Cristo Jesus, e que nos é dado quando nos volvemos e olhamos para Ele, apropriando-nos de Sua justiça e poder.

Que mensagem para mim! Que mensagem para a Igreja! Que mensagem para a humanidade!

«Olhai e vivei!»

1. E. G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 453.

2. *Ibidem*, p. 454.

Ulrich Frikart é o secretário da nossa Divisão.

Evangelho em Chamas

Igreja Adventista em São Tomé e Príncipe

A Igreja Adventista do Sétimo Dia em S. Tomé e Príncipe, como em qualquer país, também tem a sua história, mas neste artigo apenas salientaremos alguns aspectos que consideramos mais relevantes.

A Igreja antes de Independência

Gostaríamos de falar, em primeiro lugar, do estabelecimento e organização da Igreja nesta parte do mundo, a qual teve lugar nos anos de 1937 e 1947, respectivamente.

O primeiro adventista em terra santomense foi um fiel colportor de nacionalidade portuguesa. Dessa pequena semente começaram a surgir homens e mulheres dispostos a aceitar a Jesus, através do ministério de consagrados missionários, oriundos de Portugal. Gostaria de mencionar alguns: José Freire, João Esteves, José Augusto da Silva Jr., Arlindo Miranda, José Simões Grave, Juvenal Gomes, Eliseu Miranda, João Chaves, Orlando Albuquerque, Daniel Martins, e muitos outros, acompanha-

dos de suas esposas, que também prestaram serviços úteis ao lado dos maridos: «Por detrás de um grande homem está sempre uma grande mulher».

Depois da Independência

Depois do histórico dia 12 de Julho de 1975, quando S. Tomé adquiriu a independência, a Igreja submergiu numa profunda estagnação que durou cerca de 12 anos, devido a um conflito interno entre os próprios membros, ao ponto de se dividirem e separarem em grupos.

Nesta altura, a igreja teria, quando muito, cerca de 300 membros. Que terrível foi essa situação! Uma igreja tão pequena em termos de números e apesar disso sofrer tão terrível ataque pelo arqui-enganador!

Mas Cristo prometera estar com os Seus «todos os dias até à consumação dos séculos» (Mat. 28:20) e por isso, Ele esteve e «está no meio da Sua Igreja» (Apoc. 1:13).

Através da nossa Divisão foram de-

José Manuel Dias Marques

envolvidos muitos esforços para restabelecer a unidade, como, por exemplo, a vinda dos pastores Daniel Cordas (do Gabão), Vasco Cubenda, Domingos Suquina e Zeferino Kissivila (de Angola). Todos eles experimentaram muitas dificuldades em termos de unificar os grupos, mas sempre se foi avançando. Por altura da vinda dos pastores Ludescher e Stéveny, presidente e secretário da Divisão, e pela graça de Deus e os esforços dos irmãos, restabeleceu-se a paz e a unidade que, esperamos, se preservará até à vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Se durante doze anos, após a independência, houve uma paralização quase total no que se refere ao desenvolvimento e crescimento da Obra, e também do número e espiritualidade dos membros, a partir da unificação, em Setembro de 1986, houve uma explosão de progresso a todos os níveis, graças a Deus!

Os números falam por si: De 1937 a 1986, havia 300 membros baptizados; de 1986 a 1993 a Igreja subiu para 700 membros. Em apenas 7 anos a Igreja mais que duplicou o número de membros que obtivera em 40 anos antes da Independência mais os 12 anos de prejuízos.

A designação oficial da Igreja em São Tomé é «Associação Santamente dos Adventistas do Sétimo Dia», e por esse nome é conhecida mundialmente.

Durante os últimos anos a Igreja tem recebido ajudas de todo o tipo, a saber: materiais para a agricultura, roupas, transportes, desde motocicletas a carrinhas, alimentos, medicamentos, camas, materiais para escritório e reparação de edifícios, máquinas de marcenaria, e também ajudas humanas, através da visita de pastores da Divisão e União Angolana, sobretudo desde a última reorganização. Tem havido dezenas de baptismos e alguns membros foram enviados ao exterior para preparação técnica e espiritual em Sagunto (Espanha), Bongo (Angola) e até em Collonges (França).

A Igreja Hoje

Para glória de Deus, a Igreja hoje está a caminho do progresso e, como

referimos, conta 700 membros baptizados e mais de 3.000 da Escola Sabatina e interessados.

Os projectos que temos são muitos. Mencionaremos apenas alguns:

1. Reparação e pintura das igrejas e da escola.

2. Instalação da ADRA em S. Tomé e Príncipe, tendo em vista ajudar-nos a solucionar alguns dos muitos problemas e dificuldades com que a obra se depara e, desta forma, contribuir para a sua credibilidade na sociedade santomense, tanto a nível material como evangelístico.

3. Após resposta definida do Governo quando à Roça Adelaide, sobre a possibilidade do seu aluguer ou venda, tentar, com o auxílio da Divisão e através da ADRA, relançar a produção em larga escala, uma vez que se constatou que a rentabilidade da mesma Roça é facto mais que afirmado de que vale a pena, e uma das provas evidentes é que a mesma, mesmo sem o financiamento, paga os salários aos trabalhadores e ainda consegue de vez em quando, ceder alguns dos seus produtos às Penitenciárias, Centros hospitalares, etc. Portanto, com o financiamento que esperamos vir a receber, a Roça terá possibilidades de pagar aos trabalhadores, vender no mercado local e aos que exportam, e poderá ainda apoiar a evangelização.

4. Apostar seriamente nas conferências públicas a nível de cada igreja local, além de outras de grande envergadura que serão dirigidas anualmente por pastores de além-mar, após solicitação à Divisão.

Conferências públicas

O primeiro obreiro de fora que veio dirigir conferências públicas em São Tomé foi o pastor Domingos Suquina, da União Angolana. Ele esteve em Bombom, a 3 km da capital, onde contou com muito público, dos quais há frutos bem visíveis.

As segundas conferências públicas de grande envergadura, porquanto foram realizadas no Palácio dos Congressos, na cidade capital, de 22 a 28 de Setembro deste ano de 1993, foram dirigidas pelo pastor José Carlos Costa, departamental dos Ministérios da Igreja a nível da Divisão

Euro-africana. Foi uma experiência singular na história da Igreja Adventista em São Tomé. A média de presenças diárias era de 650 a 700 pessoas, situando-se os picos de audiência no sábado e domingo. O total de pessoas que por ali passaram foi de 1.360, número nunca antes visto.

Concorreu para o êxito desta conferências a presença de algumas visitas ilustres e de honra, como a da Secretária do Presidente da República, o ex-Ministro da Defesa, o Secretário da Embaixada de Portugal em São Tomé e Príncipe, as irmãs cano-cianas, o sr. Bispo, representante máximo da Igreja Católica em São Tomé e Príncipe, além de muitas outras personalidades importantes.

Apesar destas conferências terem ficado bastante caras, desde o aluguer do Palácio dos Congressos até à publicidade — cartazes aos milhares, convites outros tantos, publicidade na rádio e televisão — gastos em transportes, etc., etc. tudo valeu a pena. A campanha de evangelização teve um grande impacto, cujos efeitos se estão ainda repercutindo e esperamos que o Senhor abençoe a semente lançada em tantos corações.

Conclusão

Assim como em muitos países toda a gente, conhece a «coca-cola» ou a «Stand Oil», em São Tomé e Príncipe toda a gente, ou quase toda, começa a conhecer a Igreja Adventista.

Pelo poder de Deus e na força do Espírito Santo, as nossas mensagens estão rompendo barreiras ainda existentes e fazem-se ouvir e repercutir em cada rincão de São Tomé e Príncipe, razão pela qual dizemos que efectivamente o evangelho pregado pelos Adventistas do Sétimo Dia nestas terras se acendeu e está em chamas, permitindo a muitos verem o Caminho e poderem caminhar melhor ao lado dessa Luz, ao lado de Jesus. E prouvera a Deus que essas chamas atingissem cada vez maiores proporções, para salvação de muitos, não só em São Tomé e Príncipe, mas também em todo o campo mundial.

José Manuel Dias Marques é pastor da igreja de São Tomé, capital, e departamental da Associação Santomense dos Adventistas do Sétimo Dia.

Idade não é documento

«Giuseppe Verdi tinha 74 anos quando compôs a sua melhor ópera — Otello — e quando tinha 80 anos, compôs outra famosa: Falstaff.

«Gladstone foi escolhido pela quarta vez como Primeiro-Ministro da Inglaterra, quando tinha 83 anos.

«Churchill, com 66 anos, foi um dos principais responsáveis pela tarefa de livrar o mundo da ditadura nazista.

«Einstein escreveu o seu livro mais importante, *A Teoria da Relatividade*, quando tinha 71 anos.

«Outro grande gigante intelectual, Bertrand Russel, continuou a escrever uma torrente de palavras filosóficas e matemáticas desde a idade de 70 anos até sua morte, com 98 anos.

«Exemplos destes são numerosos. Mas não são os únicos. Milhares de outras pessoas estão socialmente, economicamente e psicologicamente activas até aos 70 ou 80 anos.

«É significativo que estas pessoas, que permanecem mentalmente despertas e emocionalmente felizes até à velhice, desenvolveram este estilo de vida anos antes de se tornarem idosos. Para a maioria delas o seu trabalho era a sua vida, e a aposentadoria nunca lhes passou pela cabeça.»

Comentários

Há algumas coisas que devemos considerar. Por exemplo, o preparo para a velhice. Os especialistas têm orientado as pessoas adultas para que se preparem para a velhice. Mas que preparo é esse?

Pelo que vimos nos parágrafos in-

trodutórios, o envelhecimento parece não prejudicar a carreira, ou até mesmo a produtividade, de muitos idosos. É também evidente que os mais felizes foram aqueles que faziam o que gostavam, cujo trabalho era a sua vida e a sua vida o seu trabalho.

Se o leitor trabalha pura e simplesmente para ganhar o salário, não seria melhor, após a aposentadoria, começar a fazer aquilo que realmente gosta?

Outro aspecto: Como estamos nós vivendo os aspectos da saúde hoje? Estamos fazendo exercício, comendo bons alimentos, repousando, e assim por diante? Não existe melhor preparo para a velhice do que praticar na nossa vida as leis da saúde orientadas por Deus.

As vitaminas geriátricas não resolvem os problemas dos idosos, não previnem coisa alguma e, para falar a verdade, às vezes até pioram



a situação. É necessário mudar, e quanto mais cedo, melhor.

Como adventistas, temos uma grande responsabilidade. Deveríamos ser os idosos mais felizes do mundo e os mais longevos. Temos tudo para isso, e só ocorrem no nosso meio casos de esclerose, depressão, ansiedade, etc., devido ao facto de não termos usado o «tudo» que a doutrina adventista oferece para manter saúde total.

É necessário que tenhamos os «anciãos em Israel» para nos transmitir experiências e colaborar para o desenvolvimento da obra de Deus na Terra e para a sua conclusão. Os jovens são a força; os velhos, a cabeça.

O salmista diz-nos que, após os setenta anos, a vida só oferece cansaço e enfado, provavelmente porque nos seus anos de juventude aplicou mal as suas energias e não seguiu o plano de Deus para a sua vida.

Certamente a nossa idade está determinada geneticamente e depende do que herdamos dos nossos antepassados. Porém, é muito comum o homem envelhecer e morrer precocemente por sua própria culpa.

Fica o apelo a si, jovem, adulto ou mesmo idoso. Mude, procure viver a vida em abundância que Jesus veio dar a todos, independentemente da sua idade.

O Dr. Hildemar Santos é o director da Clínica Adventista de São Roque, em São Paulo (Brasil).

Dr. Hildemar Santos

O Conflito acerca das origens

Aquele que crê no relato bíblico da origem da vida não precisa intimidar-se com as alegações de que sua crença está em conflito com as confirmadas descobertas científicas.

A recente controvérsia nos Estados Unidos, acerca do ensino da «Ciência da Criação» nas escolas públicas, tem reavivado o interesse do povo na questão da origem do nosso planeta e das suas formas de vida. Os meios de comunicação retratam o caso como um conflito entre a Ciência e a Religião.

Mas é realmente assim? A controvérsia entre a criação e os ensinamentos evolucionistas é de facto uma opção

entre um improvável dogma religioso e uma inflexível realidade científica? Para responder a essa pergunta, precisamos ser claros no tocante a duas coisas. Primeira: a natureza do próprio problema das origens; e segunda: a natureza das evidências que aplicamos à questão.

O problema das origens

Se o problema das origens das formas vivas fosse da mesma natureza que

o da forma da Terra, cuidadosos cientistas já o teriam solucionado há muito tempo. Existe, porém, considerável diferença entre o problema da forma e dos movimentos da Terra, e o da origem das plantas e dos animais. A forma da Terra é uma condição actual que pode ser examinada, determinada e demonstrada cientificamente. Pode-se dizer a mesma coisa dos movimentos da Terra como planeta. Como a Terra é redonda

agora e se move agora, podemos estudar sua forma e movimentos de modo científico.

Mas o problema da origem das formas vivas é de natureza completamente diferente. Tipos básicos de plantas e animais não estão aparecendo agora mesmo, quer por evolução ou por criação especial. Por isso, nem a evolução nem a criação de tipos básicos pode ser demonstrada no laboratório hoje em dia. Ademais, este tem sido o caso até onde se estendem os registos históricos fidedignos. Nenhum ser humano já presenciou o aparecimento de um tipo básico de vida vegetal ou animal.

Por conseguinte, os cientistas que afirmam hoje que a evolução de novos tipos básicos está tão completamente demonstrada como a forma da Terra estão completamente errados. Para ser sinceros, teriam de dizer: «Não podemos *provar* no laboratório que ocorreu ou está ocorrendo a evolução de novos tipos básicos, mas *cremos* que foi o que aconteceu.» Assim também, os que crêem no relato bíblico das origens não podem *provar* que as coisas ocorreram dessa maneira, em-



Frank L. Marsh



clui outras interpretações.

Uma boa ilustração de evidência coerciva encontra-se na prova de que a Terra é redonda. Antes mesmo que tivéssemos satélites girando em redor da Terra e fotografias tiradas da Lua, *não* havia outra explicação razoável para tais fenómenos como o aparecimento, em primeiro lugar, dos cumes das montanhas, quando o observador se aproxima da terra pelo oceano, ou para o facto de que se um viajante mundial prosseguir sempre na mesma direcção,

bora encontrem muitas evidências a favor da sua crença.

A natureza das evidências

Os adeptos da teoria evolucionista, bem como os adeptos da teoria criacionista, precisam lembrar-se da *natureza* das evidências que têm que ver com as origens. O estudante cuidadoso e de mente receptiva notará, talvez com estupefação, que dentre a longa lista de evidências apresentadas para provar que houve evolução, nenhum item é de qualidade coerciva.

O que queremos dizer com a palavra *coerciva*? As evidências, em geral, podem ser colocadas numa de duas categorias. Ou são mais ou menos coercivas, ou mais ou menos persuasivas. A evidência coerciva só admite uma interpretação; a evidência persuasiva pode chamar a atenção do pesquisador para determinada conclusão, mas não ex-

acabará retornando ao mesmo ponto de partida. Visto que tal evidência só pode ser interpretada razoavelmente admitindo-se que a Terra é redonda, dizemos que a evidência é coerciva.

Em contraste com isso, *cada item* na lista das evidências a favor da evolução é de natureza bem diferente. Tomemos, por exemplo, a ordem dos fósseis nas camadas rochosas. É um facto observável que, em geral, onde quer que diversas camadas de arenito, xisto, pedra calcária, etc., contendo fósseis, se encontram em contacto uma com a outra, em inalterada ordem vertical, os fósseis nas camadas mais baixas são de animais mais simples (como braquiópodes e trilobites) do que os das camadas superiores, que podem ser répteis ou até mamíferos. Os evolucionistas proclamam essa ordem natural dos fósseis como uma das mais pode-

rosas evidências de que animais mais complexos evoluíram de animais mais simples. Eles a consideram plenamente coerciva.

No entanto, o observador cuidadoso verá claramente que a ordem dos fósseis não constitui uma evidência coerciva a favor da evolução. Um dilúvio universal, como o que é descrito em Génesis 6 a 8, poderia ter produzido os mesmos resultados num mundo em que todas as espécies de animais estivessem vivendo ao mesmo tempo.

No livro de Génesis, vemos que o dilúvio da época de Noé não ocorreu como um grande macaréu irresistível, mas se elevou gradualmente durante um período de mais ou menos seis semanas, antes de atingir a altura de uns seis metros acima da mais alta montanha antediluviana. As águas eram muito impetuosas, à medida que se elevavam pouco a pouco.

Tais animais como os braquiópodes e trilobites, que não puderam fugir das águas turbulentas, foram os primeiros a ser cobertos pelos sedimentos. As criaturas mais complexas, que podiam refugiar-se nos locais mais elevados, fizeram isso, e acabaram sendo sepultadas em camadas mais altas do que a dos trilobites. Enquanto havia altas colinas e montanhas disponíveis, os animais vigorosos e ágeis subiram acima das ondas buliçosas, mas também acabaram sendo submersos, e foram sepultados nas camadas superiores, ou permaneceram mortos sobre a superfície, quando as águas do dilúvio baixaram. Teria sido muito anormal e estranho se um dos enormes dinossauros, por ocasião da

primeira arremetida da inundação, se houvesse deixado sepultar junto com os trilobites, nalguma baixada.

A ordem actual dos fósseis não é, portanto, coerciva para a evolução, nem para a criação especial. Para a pessoa que tem forte fé na evolução, a ordem dos fósseis, dos simples para os complexos, pode ser explicada «razoável e logicamente» pela evolução. Assim também, a pessoa que tem forte fé na criação especial vê a mesma ordem dos fósseis explicada «razoável e logicamente» pelo Dilúvio. Aquele que acredita numa dessas doutrinas talvez faça alarde da solidez da sua posição, e ridicularize a suposta debilidade, e até a incoerência da posição da outra escola de pensamento, mas permanece o facto de que a evidência é subjectiva e pode ser explicada de diversos pontos de vista.

O sincero pesquisador das origens precisa de reconhecer, portanto, que nem a evolução nem a criação especial podem ser demonstradas. Se fossem processos contínuos, *podríamos* demonstrar uma ou outra. Mutações existem em toda a parte, hoje em dia, mas *mutação não é evolução*. Para que haja evolução é necessário que apareçam novos tipos básicos. Mais de cem anos de estudo revelaram que a mutação só pode ocasionar novas variedades, raças ou grupos dentro de um tipo básico já existente.

As controvérsias sobre as origens, que vemos hoje, não são realmente conflitos entre factos científicos comprovados e especulações religiosas, mas conflitos entre duas diferentes declarações de fé, que não podem ser

provadas no verdadeiro sentido científico. A crença em longos períodos de evolução, embora apoiada (segundo afirmam os seus adeptos) por esmagadores dados científicos, ainda requer fé, pois os seus processos não podem ser observados ou repetidos hoje em dia, e suas evidências não são cientificamente coercivas.

Entre o que os evolucionistas consideram suas mais fortes evidências da evolução orgânica, encontra-se o que eles chamam de «ordem dos fósseis nas rochas, do simples para o complexo e especializado». No entanto, o que realmente acontece foi realçado por Austin H. Clark, notável evolucionista:

«Quando examinamos uma série de fósseis de qualquer época, talvez escolhamos um deles e digamos confiantemente: “Isto é um crustáceo” — ou uma estrela-do-mar, um braquiópode, um anelídeo, ou qualquer outro tipo de criatura, conforme for o caso...

“Visto que todos os fósseis são determináveis como membros de seus respectivos grupos pela aplicação das definições desses grupos *deduzidas de tipos vivos, e baseadas inteiramente neles*, visto que nenhuma dessas definições dos filos ou principais grupos de animais precisa ser, de algum modo, alterada ou ampliada para incluir os fósseis, conclui-se naturalmente que por toda a parte dos registos fósseis *esses principais grupos permaneceram essencialmente inalterados*. Isto denota que as correlações entre eles também permaneceram inalteradas.

“Por estranho que pareça, os animais da fauna mais antiga de que o nosso conhecimento é suficiente para habilitar-nos a falar

com confiança — a fauna do período cambriano — eram singularmente semelhantes aos animais do tempo presente.”»*

Isso constitui fortíssima evidência (talvez coerciva), encontrada toda a vez que é extraído algum fóssil, desde o período cambriano (o mais antigo) até o mais recente, e se procura identificá-lo. É de admirar que esta situação dos fósseis não seja propalada com alarde, hoje em dia? A maioria dos evolucionistas não está ciente de que a evidência científica, neste caso, é, na realidade, toda a favor da criação especial.

Aquele que crê no relato bíblico da origem da vida não precisa intimidar-se com as alegações de que sua crença está em conflito com as confirmadas descobertas científicas. A Ciência é incapaz de provar algo sobre a origem dos tipos básicos de plantas e animais. Isso ainda requer um acto de fé da parte de seus adeptos, assim como a crença nos relatos bíblicos também requer fé. Embora não tenhamos respostas para todas as questões, podemos colocar nossa fé na Palavra de Deus, sem desprezar o intelecto que Ele nos concedeu. Se até o evolucionista tem de *tomar a decisão* de crer na sua doutrina, porque não haveremos nós de tomar a decisão de crer nas Palavras d’Aquele em quem confiamos para a salvação?

* Austin H. Clark, *The News Evolution* (Baltimore: Williams and Wilkins), págs. 100 e 101. (sublinhado nosso.)

Frank L. Marsh é professor emérito de Biologia na Universidade de Andrews, E.U.

Reflexos da «SOL»

A SOL — Semana de Oração e Louvor — lançou luz em milhares de vidas. De Norte a Sul Jesus brilhou em muitos corações que se dispuseram a participar desta semana especial.

O pastor Alejandro Bullón, num estilo directo e simples, colocou questões e deu respostas que sacudiram alguma inércia espiritual. Uns foram confrontados com a realidade da vivência espiritual e do companheirismo com Jesus. A coerência entre a crença e a prática foi bem estabelecida. Outros, sentiram consolidar-se a fé no Salvador, dedicando-lhe a vida e considerando-O como Senhor. Uns e outros confirmaram que a vitória sobre o pecado é possível na rendição a Jesus e na total dependência do poder de Cristo.

Contribuíram também para este clímax espiritual os «Momentos de Louvor», dirigidos pelo professor Williams Costa Júnior. Com alegria, entusiasmo e solenidade, este irmão soube conduzir as vozes que veicularam as mentes e os corações à receptividade dos raios de Sol da mensagem da Palavra de Deus.

A Sonete, esposa do Prof. Williams, consolidou cada noite o apelo do Pr. Bullón através de um solo apelativo ou de confirmação da decisão.

Os grupos musicais e os solistas que abriram cada programa funcionaram como saudação inicial e também como chave da primeira porta da receptividade para a mensagem.

Assim, de 9 a 16 de Outubro, no Pavilhão Gimnodesportivo do União de Bancos Portugueses, na cidade de Vila Nova de Gaia, e de 17 a 23 do mesmo mês, em Lisboa, na Aula Magna da Universidade, decorreram estas duas semanas de elevação espiritual. Ambos os espaços esgotaram a lotação, tal o interesse do público que não receou as condições atmosféricas adversas



da primeira semana no norte do país.

Os sábados, 16 a 23 de Outubro, foram o prémio de intenso trabalho da parte de membros e pastores, mas, acima de tudo, a coroa da obra do Espírito Santo, quando 73 pessoas passaram pelas águas baptismas. O testemunho público do «sim» a Jesus marcou estas vidas e tocou ainda muitas dezenas de outras que responderam ao apelo de entrega e preparação para o baptismo.

O que participaram desta experiência da «SOL» louvam a Deus pelas bênçãos recebidas e por testemunharem milagres de conversão e reconversão. Entretanto, que os raios luz vindos do Salvador possam continuar a reflectir-se na vida de todos os que O seguem e aqueçam os corações de todos os que ainda não se decidiram pela Vida Eterna. Que o nosso Deus seja louvado em tudo, a fim de que o Reino venha a ser uma breve realidade aqui.

Ezequiel Quintino
Associação Pastoral
e Evangelismo

Notícias de Almada

Passado que foi o ano eclesiástico de 92/93 gostaríamos de vos dar notícias da igreja de Almada.

Embora pequena na sua estrutura física, e também no número de membros que a frequentam, a igreja de Almada mantém-se activa e laboriosa. Cremos que muito mais poderia ser feito, mas contamos com todos os que, de certo modo, se disponibilizam a trabalhar.

Jovens de Almada, Corroios e Paivas reuniram-se num projecto de trabalho virado para o exterior e que visa atingir grupos de membros onde há carência de meios humanos para o trabalho activo. Respondendo ao nome de «Projecto Servir», estes cerca de trinta jovens estão disponíveis para o trabalho.

Dinamizados com as experiências vindas da Divisão, através do Pr. José Carlos Costa, e também com o apoio e orientação do Pr. Casaquinha, departamental da Escola Sabatina da União, propusemo-nos a que a Escola Sabatina chamada com muita razão «o coração da igreja» passasse a ser, em Almada, «a igreja em estudo». Há muito que a Escola Sabatina era passada numa só classe. Agora, passada em classes pequenas, tem tornado mais participativos os membros de cada grupo e dado um novo ânimo e conheci-

mento àqueles que nem sempre estavam dispostos a colaborar na passagem da lição em classe única. É certo que nem todos são sensíveis ao estudo da lição feito desta maneira, e membros há que não gostam, porque há sempre um pouco mais de barulho do que aconselhável. Contudo, apesar das dificuldades sentidas de início, tudo parece encaminhar-se bem.

As igrejas de Almada, Corroios e Paivas, reunidas, levaram a efeito programas especiais dedicados às visitas da Escola Sabatina, com música, poemas, concursos e lembranças às visitas. Foi uma maneira muito interessante de conviver e partilhar a nossa amizade com aqueles que estão a tomar conhecimento com a Mensagem.

Como preparação para a Campanha de Evangelização a ter lugar em Abril, realizou-se na Academia Almadense um Seminário sobre o *Stress* que contou com a comparência e participação de 50 pessoas que se mostraram bastante interessadas. Coube ao Dr. Daniel Esteves, departamental de Saúde e Temperança, a direcção deste Seminário.

No plano cultural, e inserido no aniversário da Academia Almadense, assistimos ainda a um concerto com a colaboração do Ir. Michel Gal, ao piano.

De 16 a 25 de Abril, o Pr. Ezequiel Quintino realizou na igreja de Almada uma Campanha de Evangelização subordinada ao tema «Deus também tem uma palavra a dizer no nosso mundo».

Desde Janeiro e até ao passado dia 30 de Setembro realizaram-se na nossa igreja duas cerimónias baptismais, num total de 6 baptizados, sendo 3 de Almada e 3 de Corroios. Uma destas cerimónias foi o culminar da Campanha de Evangelização.

A irmã Hortelinda Gal, que tem a seu cuidado as igrejas de Corroios, Paivas e Almada, efectuou no passado dia 26 de Junho, a sua primeira cerimónia

baptismal. Que o Senhor possa abençoar grandemente a nossa irmã Hortelinda nesta imensa responsabilidade que pesa sobre os seus ombros.

Muito haveria a dizer sobre o trabalho urgente a realizar na nossa igreja e pela nossa igreja. Precisamos que o Senhor esteja ao lado de cada um, dirigindo e abençoando, para que o Seu nome seja dado a conhecer aos que ainda permanecem longe.

Aos leitores da *Revista Adventista* pedimos que, nas suas orações, se lembrem de nós.

Maria Sales

Secretária da igreja de Almada

Curso de Formação de Obreiros Voluntários

Na primeira quinzena de Agosto findo decorreu, no Colégio Adventista de Oliveira do Douro, e como vem acontecendo há vários anos, um curso de doutrina ou de formação permanente de obreiros voluntários.

A frequência deste curso constituiu, para todos os instruídos, uma experiência maravilhosa e altamente enriquecedora: para aqueles que já tinham terminado o curso e que a saudade teima em trazê-los de novo ao seu convívio, para os que, cumprido o terceiro ano, o acabaram agora, para os que, como eu, o frequentaram pela segunda vez, e para aqueles que este ano se inscreveram nele. Para todos, estou certo disso, foi uma experiência inesquecível. Ali, num enquadramento natural felizmente impoluto, afastados de todo o tipo de agressões de um mundo degradado em rápido declínio, pudemos afervorar a nossa fé, aperfeiçoar o nosso carácter, acrisolar o nosso amor, alimentar o nosso espírito com o pastio nutriente da Palavra de Deus, e entrelaçar os

nossos corações com a fraterna amizade que tem o cunho indelével do nosso Irmão Maior, Cristo Jesus. Ali, até eu aprendi a cantar, no conjunto dos outros, que o fazem muito melhor do que eu.

Não estou a falar apenas dos trinta e sete inscritos no curso de doutrina: estou a falar também daqueles que deram vida ao Colégio Adventista de Oliveira do Douro, sem os quais não teríamos instalações convenientemente preparadas para nos acomodarmos, nem mesa variada e abundante para nos conservarmos em forma, e nem aquele outro alimento que profusa e pacientemente nos foi em todo o tempo fornecido pelos nossos pastores. A todos eles, o nosso reconhecimento e o nosso muito obrigado.

Não posso também deixar no esquecimento o movimentado passeio recreativo que, sob a direcção do pastor Ernesto Ferreira, nos levou até à vizinha Capital do Trabalho. Mergulhar na vida estonteante das ruas da cidade, fazer escala repousante na



Pastora Hortelinda Gal baptizando a jovem Anabela da igreja de Almada.



Sé, com a sua granfítica imponência e os seus apurados labores de talha dos altares, admirar a estátua equestre de Vímar Peres, o predecessor de Afonso Henriques na conquista territorial ao sarraceno, descer à Ribeira, rica de reminiscências históricas de sobresaltos e tragédias, explorar a zona da baixa citadina até à Foz, subir para o Palácio da Bolsa e para a Torre dos Clérigos, são momentos que, vividos na mais pura e sã camaradagem, recordaremos sempre com saudade.

Antes de terminar este breve relato, desejo confiar-vos um

segredo: Filho dos cursos de doutrina de Oliveira do Douro, comecei há um ano a compor um livrinho a que dei o título de «Cartas de Doutrina e Amor Fraternal». É um conjunto de missivas, que inclui as que vou recebendo e as cópias das que vou enviando. E esse livro vai crescendo. E eu amo-o como a um filho. Como a um filho nascido do amor fraterno que brotou, como de fonte inexaurível, desse nosso Colégio abençoado, ali à ilhargá do Douro. Não é maravilhoso?

Jaime Madeira

Membro da igreja de Leiria

Notícias do Entroncamento

No dia 16 de Outubro p.p., pelas 15.30 horas, tivemos a grata satisfação e muita alegria ao assistirmos à dedicação da nossa igreja aqui no Entroncamento, depois das obras de remodelação.

Na verdade o estado degradante em que esta se encontrava não era convidativo nem inspirador para a pregação da Palavra de Deus. Fizemos várias tentativas, fracassadas, para se encontrar uma solução e por fim achou-se por bem que nas actuais circunstâncias o melhor seria a reconstrução. Foi isso que fizemos!...

A União atendeu o nosso pedido e a igreja correspondeu de uma maneira extraordinária e liberal; e assim, com a colabora-

ção de todos, foi possível transformar aquele lugar pouco digno para a pregação num lugar acolhedor, simpático e dignificante do Santo nome do nosso Deus.

Estiveram presentes irmãos e amigos vindos de Abrantes, Santarém, Leiria, Tomar, Ponte de Sor e Figueira da Foz. O Culto solene esteve a cargo do Pr. Paulo Mendes, em representação da União e foi também ele que pronunciou a oração de dedicação.

O historial da igreja foi feito pelo Pr. Carlos Esteves, um dos membros fundadores da mesma e natural desta cidade.

Tivemos o privilégio de escutar dois grupos musicais de Leiria, «EDEN» e «GÉNESIS»,

sendo este último constituído por crianças. A ambos agradecemos pela boa vontade e pelos belos cânticos apresentados.

Agradecemos também a todos que tornaram possível esta obra: à União, na pessoa do seu presidente, Pr. J. Dias, e Tesoureiro, Pr. P. Mendes, aos irmãos Fernando, Mário Dias e Paula-que foram de uma entrega total, e, acima de tudo, agradecemos a Deus; sem Ele nada teria sido

possível. O Pr. Daniel Martins agradeceu a presença de todos e fez a oração de despedida.

No final, na sala de Jovens, tivemos um lanche que a todos agradou. Que Deus abençoe esta igreja e que almas possam ser salvas para o Reino dos Céus, pelo testemunho dos seus membros.

Olívia Martins

Igreja do Entroncamento

Tomar em Festa

Depois de alguns anos parados, é com grande satisfação que há cerca de um ano temos de novo os clubes de Tições, Desbravadores e Companheiros a funcionar.

Assim, no segundo fim de semana de Setembro, tivemos o 2.º acampamento local, num lugar muito bonito, junto à nascente do Rio Nabão. Foi bom o contacto dos nossos juvenis e jovens com a natureza. Todos ficaram animados e com vontade de realizar outros acampamentos. A Escola Sabatina e o culto estiveram a cargo do Vitor Pena; à tarde, o Pr. Daniel Martins falou da importância do carácter e sua formação, assunto que foi muito apreciado e discutido. Agradecemos à direcção dos Tições e Desbravadores, bem como a todos que se empenharam de uma forma ou de outra para o êxito deste acampamento.

No dia 25 de Setembro, às 15.30 horas, tivemos um momento de grande importância e

solenidade; a investidura de Tições e Desbravadores. Foi emocionante esta cerimónia, presidida pelo nosso pastor que, com uma tocha ardendo, simbolizando a Palavra de Deus, a transmitiu aos Tições e Desbravadores e apelou para que cada um transmitisse a outros a luz de suas velas. Seguiu-se a Promessa, feita por cada um individualmente, e um programa especial apresentado por todas as crianças.

No final tivemos a oportunidade de escutar um grupo musical da igreja de Leiria, que veio participar na nossa festa, e a quem agradecemos na pessoa do Ir. José Esteves, bem como ao grupo Juvenil daquela igreja, que nos alegraram com a sua música, as suas vozes e presença.

Em Tomar, queremos ser úteis ao nosso Deus, à nossa Igreja e ao nosso país.

Maria do Carmo Gonçalves

Igreja de Tomar

De que modo funciona o Lar Adventista Para Pessoas Idosas?

Ultimamente, tem estado em foco a Instituição em epígrafe, mercê das recentes comemorações de mais um ano de vida,

celebração que é um marco histórico para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, à qual tenha a honra de pertencer.



Se o LAPI está de pé, fica a dever-se a várias pessoas — e não vou historiar a sua criação por não ser a pessoa mais indicada, até porque esta já foi publicada na RA de Maio de 1993.

Já no século XIX, mais concretamente em 1898, a irmã White foi inspirada quanto a escolher o local exacto para construir um Lar para acolher os membros de idade avançada e com dificuldades de toda a espécie. Destarte, esta Instituição é de origem divina, dados os documentos existentes que comprovam o que fica escrito. O seu administrador e demais pessoal

são pessoas com idoneidade moral, pessoas competentes, perspicazes, porque de outro modo seria impossível dar cumprimento ao mandado do Senhor.

Cabe-me realçar, primeiramente, o sumo cuidado com que as senhoras empregadas cuidam dos utentes acamados. São de uma dedicação extrema, ou melhor, são duma dedicação ímpar, e porque assim é, valorizam o LAPI e a si mesmas. Claro que têm imenso trabalho, o que as dignifica e enobrece!..., e não só!

Os utentes que ainda são válidos ajudam no campo — e um

deles, quase nonagenário, é duma dedicação ilimitada, porque às 4 e 5 horas da manhã já está a pé para recomençar a sua tarefa; outros tratam de cortar e distribuir o pão, logo de manhãzinha.

Às cozinheiras, cabe-lhes a tarefa de confeccionar as refeições, que são variadas, mas faço questão de «realçar» que todos nós somos abstémios, tal como fomos preparados antes de sermos baptizados. É uma regra de ouro que data desde que a Igreja é Igreja! E qual é a finalidade? Para preservarmos o corpo físico e conservarmos o nosso cérebro nas mais perfeitas condições. É um aconselhamento utilíssimo para quantos desejem ter uma vida longa e próspera.

Relativamente à higiene, é óptima sob todos os aspectos. A

lavandaria, na qual trabalham várias senhoras, tem o cuidado não só de lavar e enxugar as peças de roupa, como também de verificar se toda ela está em ordem para nos chegar a tempo e a horas. Não estou aqui a fazer história, mas a dar testemunho de como tudo se processa, de como funcionam todas as secções, digamos assim.

Existe uma Administração que visa dar cumprimento ao que está estabelecido, porque, meus irmãos, é impecável o serviço de Tesouraria, que possui um horário próprio.

Eu mesmo sinto que não é possível fazer melhor, ainda que faltem limar umas arestazinhas, mas... Roma e Pavia não se fizeram num dia!

António Alves
Utente do LAPI

A Porta de Entrada no LAPI

Porque nos foi solicitado, informamos que a entrada no L.A.P.I., de Vale Queimado, se processa, imperativamente, do modo seguinte:

1. Ter idade e necessidade de acolhimento na nossa Instituição;

2. Contactar o pastor da igreja da área da sua residência, para que uma ficha de inscrição lhe seja outorgada para o devido e completo preenchimento;

3. Perante esta inscrição, é imperativo que o Conselho da respectiva Igreja Adventista do Sétimo Dia dê o seu parecer favorável ao ingresso no LAPI:

a) O Conselho da igreja será responsável moral pela veracidade das declarações registadas na ficha de inscrição.

b) Torna-se necessária uma informação, o mais detalhada possível, das

condições de dependência e sanidade física, bem como das condições em que vive, no momento de apreciação, o candidato em questão.

4. Além das declarações solicitadas na respectiva inscrição, o interessado, ou interessada, deverá fazer prova médica de não sofrer de qualquer tipo de doença infecto-contagiosa, para salvaguarda de todos os que na Instituição habitam e trabalham;

5. Depois de reunir todos estes elementos, a respectiva ficha de inscrição deverá ser remetida à Administração do L.A.P.I., onde será registada e aguardará o momento favorável para a respectiva admissão.

M. Marinheiro
Administrador do L.A.P.I.

Aguardando a Ressurreição

José Maria Simões de Carvalho



Faleceu no passado dia 6 de Setembro de 1993, com 89 anos de idade, este nosso estimado irmão.

Nascido em 9 de Julho de 1904 e baptizado em Agosto de 1962, pelo pastor Samuel Reis, o Ir. Carvalho conheceu a mensagem adventista duma maneira muito curiosa. Em meados da década de 1950, era guarda-livros, e nessa qualidade fazia a escrita contabilística duma farmácia que então existia em Serpins. No meio de vários papéis encontrou uma revista da Campanha das Missões. Deu uma vista de olhos por ela e achou-a interessante. Quis comprá-la à proprietária da farmácia e ela acabou por oferecer-lha.

Ao chegar a casa, lendo-a com maior atenção, encontrou o cupão da Escola Rádio Postal na última página. Recortou-o e enviou-o. Já tinha feito vários cursos bíblicos e nenhum lhe agradara devido à contradição em relação aos membros de Deus.

Terminado o curso, algum tempo depois recebe uma carta da Escola Rádio Postal a perguntar-lhe se gostaria de receber a visita de um representante da mesma. Ele respondeu afirmativamente e recebeu a visita do pastor Marcelino Viegas. O Ir. Carvalho era viciado no tabaco, com o qual gastava bastante dinheiro. Passado mais de 1 hora de diálogo, ele já estava desesperado para fumar. Começou a abrir a gaveta da secretá-

ria para tirar um cigarro para si e outro para oferecer ao pastor Viegas. Nessa altura este começou a falar-lhe sobre os vícios e a santidade do nosso corpo. Decidiu então fechar a gaveta, o mais rápido possível, para nem sequer sair o cheiro. Três dias depois foi a Poiares, onde viu numa loja os maços de cigarros que costumava fumar. Ficou «cego» perante a tentação. Mas resolveu vencê-la ao comprar o mesmo valor de um maço de cigarros, 5\$50, de rebuçados de mentol. Com a graça de Deus, ao fim de 3 dias, após esse episódio, nunca mais fumou, apesar de ter fumado durante vários anos um maço e meio de cigarros por dia. A partir daí passou a pôr de lado o dinheiro que gastaria em tabaco e com esse dinheiro comprou uma máquina de costura e todos o móveis para a casa, incluindo um órgão de pedais, que a irmã Dulce Miranda estreou e durante vários anos foi usado para acompanhar os hinos nas reuniões que, entretanto, começaram a realizar-se na sua casa na Terra da Maga, Serpins.

Em 1981 o irmão Manuel Teixeira visitou, os irmãos de Coimbra e o grupo de Serpins então substituído apenas pela família Carvalho e a irmã Adelai-de Henriques. O Ir. Carvalho convidou-o a vir viver em Serpins. Como ele estava a fazer uma especialidade médica em Coimbra e tinha pedido, pouco antes, um sinal a Deus para lhes deparar um lugar para trabalhar para Ele, acharam, ele e a sua esposa, que esta era a resposta do Senhor. Aí viveram cerca de 4 anos. Como resultado do seu testemunho, baptizaram-se duma só vez 11 pessoas. O grupo recebeu, dessa maneira, um grande impulso, tendo levado à inauguração do novo Templo cuja notícia veio na *Revista Adventista* de Julho de 1993. Devido à

sua doença o irmão Carvalho já não pôde assistir à cerimónia.

O nosso irmão deixou viúva a sua terceira esposa, a irmã Jesuína, e 8 filhos: o Gaudêncio, o Carlos, a Otilde, o Celestimo, o Humberto, a Raquel, o Joel, o Samuel, o Daniel, um enteado, o Vítor, bem como noras genro e netos. Todos os seus filhos se baptizaram, mas actualmente um bom número deles es-

tão afastados. Rogamos a Deus que retornem e se reconsagram a Deus e que os que permanecem na igreja se mantenham fiéis, a fim de voltarem a rever o seu pai querido na manhã gloriosa da ressurreição e viver na sua companhia por toda a eternidade.

M. N. Cordeiro
Pastor de Coimbra e Serpins

MEDITAÇÕES MATINAIS 1994

*Bom Dia
Jesus*

Dê um bom dia a Jesus bem forte, bem sentido. Ponha nas mãos d'Ele, cada manhã, as suas alegrias e tristezas, as suas dificuldades, anseios, planos... a sua vida. Passe o dia servindo-O, manifestando o amor e gratidão que lhe enche a alma. E aguarde a manhã da ressurreição em que o "Bom Dia, Jesus" será um abraço.

Preço: Esc. 950\$00

Pedidos à Sociedade Missionária local ou à

Publicadora Atlântico, SA
Apartado 40
2686 SACAVÉM Codex

Jovens em destaque No Conselho Anual da Divisão

No Conselho Anual da Divisão Euro-Africana, realizado em Jongny, Suíça, de 5 a 10 de Novembro, com a presença de 60 participantes, entre os quais o presidente da Conferência Geral, Robert S. Folkenberg, a tesoureira-adjunta, Rowena Rick, e o presidente da União do Pacífico, Thomas Mostert, os jovens estiveram em destaque, quer pelas suas realizações em 1993 — ano da evangelização jovem — quer pelos muitos planos estabelecidos para o futuro.

«Seria trágico se, depois de tudo o que se fez, tudo ficasse como antes.» Foi assim que Edwin Ludescher, presidente da Divisão, deu início aos dois dias preparatórios dedicados à juventude. Cada presidente de União foi convidado a apresentar um relatório das actividades desenvolvidas pelos jovens nos diversos países da Divisão e a falar sobre os projectos a concretizar nos próximos cinco anos.

Em 1992, foram nomeadas pela Divisão duas comissões que propuseram uma série de recomendações para favorecer a integração dos jovens na Igreja. A maioria dessas recomendações foram votadas em Berlim, no mês de Junho de 1992 e a seguir em Jongny, por ocasião do Conselho Anual, em Novembro do mesmo ano. O último toque foi-lhes no Conselho da Primavera, em Junho de 1993.

Elaborados com seriedade e método, estes relatórios permitem retirar as seguintes ilações:

1. A maioria dos nossos membros tem menos de 30 anos. Já o sabíamos, mas faltavam-nos as estatísticas que o confirmassem. Agora já as temos.

2. As proporções variam segundo as Uniões e às vezes são

até inversas. Vejamos alguns exemplos: na Bulgária os jovens representam 33% dos nossos membros; na Itália, 25%; na Áustria, 18%. Em contrapartida, os jovens adventistas são perto de 75% em Angola e Moçambique, 70% na Roménia, 65% em Espanha e Portugal. Estas estatísticas não incluem os jovens não baptizados que frequentam a Igreja. Em certos casos, a população global com menos de 30 anos é superior ao número de membros, como, por exemplo, na Roménia, em que a população de 80.000 para 64.000.

Activos precisos

Todas as Uniões se comprometeram a promover em cada comunidade local: uma sociedade de jovens e um clube de Desbravadores; a formação sistemática e de qualidade dos dirigentes; a providenciar material pedagógico adequado. Data limite para a concretização destes planos: 1997.

Para alguns é um desafio gigantesco. Onde ainda não existem, serão editados manuais de instrução religiosa e lições da Escola Sabatina adaptadas aos diferentes níveis etários. Outras medidas importantes: os cursos de preparação para o casamento vão ser generalizados; os jovens terão também o seu lugar nos conselhos das igrejas e serão representados em todos os níveis da organização adventista.

Eis como um sonho esboçado há alguns anos está agora em vias de completa realização graças à boa vontade de todos.

Ao concluir este encontro preparatório, o presidente da Divisão comprometeu-se a velar pessoalmente pela concretização dos compromissos assumidos. «Os melhores planos não servirão de nada se não forem

realizados», terminava ele. Mas através dos relatórios apresentados viu-se que tal não é o caso: todas as igrejas e os jovens estão bastante activos.

Os alvos estão fixados e o calendário estabelecido. O passo seguinte será a planificação dum ministério para a juventude, de acordo com a ordem de Jesus a Pedro: «Apascenta os meus cordeiros!»

A sua parte do bolo

Ouvinte interessado, o pastor Folkenberg alertou para a tentativa de «fazer pelos jovens», mas «em vez deles». «Escolham o momento de se retirarem», disse ele. E para aqueles que esta fórmula deixa apreensivos, lembrou o exemplo do filhote da águia que os pais empurram para fora do ninho, ou o aluno-piloto deixado sozinho aos comandos de um avião. «Não dêem aos jovens uma fatia de bolo, deixem-nos escolher a sua parte do bolo. Corramos o risco de vê-los enganarem-se. Se-

jamos paciente com os seus erros.» E como o mais ousado porta-voz da juventude, concluiu: «Nunca digam ‘nós terminámos’ sem que os próprios jovens digam: ‘Nós vemos resultados!’»

Palavras nada ambíguas, que demonstram que as medidas tomadas são assunto de toda a Igreja e que nesta renovação em favor dos jovens todos os dirigentes estão plenamente empenhados.

Várias actividades estão sendo realizadas para ajudar os jovens a desenvolverem-se no melhor ambiente e levá-los a Cristo:

- Seminários de formação em vários países e até em Moçambique.
- Congressos nacionais de jovens, reunindo mais de 7.000 jovens, além de membros e visitas. Durante estas reuniões, testemunhámos comoventes conversões e centenas de jovens tomaram a decisão de baptizar-se.



Rowena Rick, tesoureira-adjunta da Conferência Geral, Robert Folkenberg, presidente, conversam com Joaquim Dias e Paulo Mendes, respectivamente, presidente e tesoureiro da União Portuguesa, que assistiram ao Conselho Anual da Divisão.

• Visitas feitas a escolas e universidades não adventistas, lares da terceira idade e testemunho em praças e jardins públicos.

• Vários jovens dispuseram-se a trabalhar voluntariamente na obra adventista durante 2 anos.

• Vários projectos evangelísticos e de acção social estão sendo levados a efeito em países europeus e até nos países em vias de desenvolvimento.

• O maior acontecimento de 1994 será o **Congresso dos Jovens** a ter lugar em Lausana, de 26 a 31 de Julho de 1994. Nele ouviremos relatórios minuciosos da grande obra feita pela juventude da Divisão Euro-Africana.

Missão Global: o crescimento continua

Com 382.000 membros em Junho de 1993 e um crescimen-

to de 6%, a Divisão Euro-Africana ocupa o 6.º lugar nas Divisões mundiais. Durante os três primeiros anos do quinquénio, baptizaram-se 82.931 pessoas e organizaram-se 733 novas igrejas. 5% do alvo de cinco anos está já alcançado. A repartição dos membros é a seguinte:

Europa Ocidental	71.239
(+ 1,1%).	
Europa de Leste	82.476
(+ 6,9%).	
Angola, Moçambique e São Tomé	228.241
(+ 7,4%).	

A Divisão Euro-Africana tem 51 missionários e cerca de 60 voluntários a trabalhar em todos os continentes, contribuindo assim para o desenvolvimento da Igreja mundial.

John Graz
Departamental JA
da Divisão Euro-Africana

Razões para Louvor e Acções de Graças

Segundo dados da Conferência Geral, apresentados pelo seu presidente, Pastor Robert Folkenberg, ao Conselho Anual da Divisão Euro-Africana, em **cada 53 segundos, um novo membro é acrescentado à Igreja Adventista.**

Na altura da última conferência Geral, formava-se uma nova igreja por dia. Agora, com o plano da Missão Global, **estamos reorganizando uma nova igreja em cada 6 horas**, ou seja 4 novas igrejas por dia.

Eis boas razões para nos alegrarmos e louvar ao Senhor!

Mas há outros números igualmente importantes e significativos:

- 1 Adventista em cada 250 habitantes na América do Sul.
- 1 Adventista em cada 90 pessoas nas Filipinas.
- 1 Adventista em cada 4 pessoas em Papua, Nova Guiné.

Um quarto dos membros do Governo são também Adventistas do Sétimo Dia.

— A Bulgária regista 30 % de crescimento de membros.

Mas há lugares do mundo, como, por exemplo, a Divisão do Médio Oriente, a Turquia e o Afeganistão, em que o número de Adventistas é mínimo ou inexistente. Todavia, 1 em cada 5 pessoas, no mundo inteiro, é Muçulmana, e em alguns lugares onde vivem 77% da população mundial, existem apenas 11% de Adventistas, porque 89% dos nossos membros vivem onde a população mundial se cifra em 23%.

Grandes coisas estão acontecendo na China, Nepal e Mongólia, onde recentemente foram feitos baptismos. Mas temos ainda muito caminho para percorrer.

Notícias de Angola

Um dos mais belos e ricos países do mundo, Angola continua a viver um momento difícil, sendo devastada pela guerra. O povo e os nossos irmãos daquela região sofrem horrores. A situação, agudizada desde Outubro do ano passado, é intolerável. Calcula-se que há lugares em que morrem cerca de 1.000 pessoas por dia. As condições de vida são horríveis.

Fala-se agora de novas possibilidades de paz. A Igreja mundial ora por Angola e pelos nossos irmãos que sofrem. Permita Deus que a paz e a ordem se restabeleçam naquela maravilhosa terra! Mas, apesar desta situação difícil, a obra de Deus tem continuado a crescer e o número total de Adventistas em Angola é actualmente de 150.000.

Notícias da ex-Jugoslávia

Outra região da Divisão Euro-Africana onde há guerra e sofrimento é a da ex-Jugoslávia. A população de Sarajevo tem sofrido muito, a ponto desta cidade ser chamada «cidade-mártir» pelos meios de informação. Só a ajuda humanitária tem conseguido minorar um pouco esta terrível situação.

A ADRA, a organização mundial adventista de auxílio, tem estado grandemente activa nesta região, fazendo o possível para ajudar as pessoas que ali vivem. Para algumas, a ADRA é o único elo de comunicação com o mundo exterior, porque está provendo o serviço dos Correios de Sarajevo. Até agora já enviamos para ali mais de 600.000 encomendas de alimentos e remédios.

É certo que não é frequente ouvirmos mencionar o nome da ADRA nos meios de comunicação. Mas esse também não é o nosso objectivo. É, porém, consolador saber que a Igreja Adventista está cumprindo a dimensão social do Evangelho — não só na Europa, mas em mui-

tos lugares deste mundo onde há carências e sofrimento.

Desejamos ainda referir que apesar da difícil situação vivida em Sarajevo, a nossa igreja continua a funcionar e cada Sábado mais de 400 pessoas assistem aos serviços religiosos, embora só 29 sejam Adventistas.

Projectos especiais da Divisão Euro-Africana para 1994

1. Uma cantina para alimentar crianças subalimentadas no Chile (Divisão Sul-Americana).

2. Água e saneamento básico no Bangladeche (Divisão do Extremo Oriente).

3. Ajudar a estabelecer a Universidade Leste-Africana no Território da Divisão Leste-Africana.

Alguns votos importantes

Neste Conselho Anual foi já votado o **Camporee Internacional** de Desbravadores da Divisão, a ter lugar de 23 a 27 de Julho de 1996 em Friedensau, na Alemanha. Os preparativos vão já começar e oportunamente serão dadas mais informações.

Também em Friedensau, e em 1996, se realizará, de 15 a 20 de Julho, um **acampamento de treino para dirigentes**, sob a direcção da Divisão Euro-Africana e com a colaboração da Conferência Geral.

Outro importante voto diz respeito ao documento preparado pela Conferência Geral sobre «**Fidelidade e Gestão Cristã**», que será estudado em todas as Uniões e Associações e a seguir enviado às igrejas.

De modo geral, todos os relatórios apresentados registaram progresso, embora em muitos lugares se vivam momentos difíceis. O povo de Deus precisa de orar uns pelos outros e consagrar-se individualmente ao Senhor e à Sua obra, não esquecendo o louvor e acção de graças pelo muito que já foi feito.

— **M. R. B.**

ÍNDICE 1993

Não inclui a secção de Notícias nem o número de Outubro, dedicado à Semana de Oração, que este ano teve como título: "Chamados em Cristo".

Ampliação do Colégio de Oliveira do Douro. *A. Maurício*. Jun., p. 8.
Aos Membros da Igreja Adventista em Portugal. *Joaquim Dias*. Mar., p. 20.
Após Valadares. *Rogério Nóbrega*. Abr., p. 15.

Bênção da Fidelidade [editorial]. *Joaquim Dias*. Maio, p. 3.
Bodas de Prata do LAPI. *Joaquim Morgado*. Ag./Set., p. 17.

Calendário 1993. Jan. p. 16.
Cambuja: as portas voltam a abrir-se. *Kenneth Wade*. Ag./Set., p. 5
Campanha das Missões 1993. Abr., p. 2.
Campanhas de Evangelização. Março, p. 12.
Cavalo de Tróia dentro da Igreja. *Enoch de Oliveira*. Fev., p. 5.
Colégio de Oliveira do Douro: Natal amigo. *Olga Mota*. Jun., p. 10
Como E. G. White viu a sua obra [entrevista simulada]. *M. N. Cordeiro*. Jul., p. 11.
Conflito acerca das origens, O. *Frank L. Marsh*. Dez., p. 10
Conselho Anual da Conferência Geral [editorial]. *Joaquim Dias*. Nov., p. 3.
Conselho Anual da União Portuguesa. Jan., p. 15.
Cristianismo e conduta na estrada. *José M. de Matos*. Jul., p. 21.
Curso de Formação Permanente em O. Douro. *E. Ferreira*. Mar., p. 14.

Dando somido certo à trombeta. *Orlando M. de Albuquerque*. Nov., p. 5.
Declaração da Missão da Igreja A.S.D. Ag./Set., p. 2.
De Deus não se zomba [testemunho]. *Michael Kulakov Jr.* Maio, p. 14.
De coração a coração [editorial]. *Joaquim Dias*. Fev., p. 3.
Desafio da Evangelização, O. [editorial]. *Joaquim Dias*. Jan., p. 3.
Deus educa o homem. *Victor Alves*. Jun., p. 4.

Deus salve Angola. *Joaquim Morgado*. Maio, p. 13.
Desta vez em Bangalore. *E. Amelung*. Nov., p. 24.
Espírito pode tornar o corpo doente, O. *Pedro Brito Ribeiro*. Nov., p. 4.
Escola Adventista de Coimbra. *Helena Graça*. Jun., p. 11.
Escola de Lisboa: um ano cheio de actividades. *Carlos Dias*. Jun., p. 10.
Escola Primária do Funchal. *Carlos Nobre Cordeiro*. Jun., p. 11.
Evangelho em Chamas. *José Manuel Dias Marques*. Dez., p. 7
Evangelismo 1993. Abr., p. 2.
Evangelização. *Michael Green*. Abr., p. 5.
Evangelização 1993. Maio, p. 2.
Evolução do conceito de fidelidade. *M. N. Cordeiro*. Maio, p. 8.
Êxodo e o Movimento Adventista, O. *M. N. Cordeiro*. Jul., p. 4.
Externato Adventista de Santarém. *Maria de Lurdes Carvalho*. Jun., p. 13.

Falando com o Pastor Alejandro Bullón. *M. R. Baptista*. Dez., p. 4
Fidelidade, a manifestação dum coração convertido. *Manuel Garrido*. Maio, p. 6.
Fidelidade e avanço da obra. *E. G. White*, Maio, p. 7.
Fidelidade: de «quem» a «quem». *Paulo Mendes*. Maio, p. 4.

Graças a Deus [editorial]. *Joaquim Dias*. Maio, p. 3.
Idade não é documento. *Dr. Hildemar Santos*. Dez., p. 9.
Igreja e a sua missão, A. *Joaquim Casquinha*. Abr., p. 13.
Importância da Educação. *E. G. White*. Jun., p. 13.
Interesse pela Criação — Declaração da Igreja A. S. D. sobre o meio ambiente. Ag./Set., p. 4.
Internato Adventista, refúgio para os nossos jovens. *Daniel Bastos*. Jun., p. 8.

Jesus Nasceu. *Eduardo Moniz de Andrade*. Dez., p. 2.
Josué — Retrato de um dirigente. *Orlando M. de Albuquerque*. Jul., p. 20.
Juventude vista por Edwin Ludescher, A. Entrevista de *John Graz*. Fev., p. 12.

Lei moral e leis físicas. *E. G. White*. Nov., p. 20.
Lendo Ellen G. White: necessidade de equilíbrio. *Robert S. Folkenberg*. Dez., p. 20.
Lição de Waco. *J. Dias*. Maio, p. 11
Lições da experiência de Pedro. *Orlando M. de Albuquerque*. Ag./Set., p. 10.
Luz mui firme, A [poesia]. *Isolina Waldvogel*. Jul., p. 2.

Mensagem Espiritual de uma Reunião Administrativa [editorial]. *Joaquim Dias*. Dez., p. 3.
Miopia educacional. *Victor Alves*. Mar., p. 13.
Missão Global e Campanhas de Evangelização. Fev., p. 3.
Missão Global em Portugal [editorial]. *Joaquim Dias*. Ag./Set., p. 3.
Missão Global na Divisão Euro-africana. *Edwin Ludescher*. Jul., p. 17.
Missão ou Missão Global? *Alejandro Bullón*. Jan., p. 13.

Notícias da Escola de Setúbal. *Leonilde Dias*. Jun., p. 12.

«Olhai e vivei». *Ulrich Frikart*. Dez., p. 6.

Pai ideal, O. *Mário Rasi*. Jun., p. 5.
Para a história da Bíblia nos Açores. *Joaquim Morgado*. Ag./Set., p. 9.
Parábola [testemunho]. *Jaime Madeira*. Jul., p. 3.
Pilares da Educação Cristã [editorial]. *Joaquim Dias*. Jun., p. 3.
Porque é que tantos jovens deixam a Igreja? *John Graz*. Fev., p. 11.
Porque envelhecer tão jovem? *Geraldine Foote*. Mar., p. 7.
Porque sou vegetariano. *Salvador Iserte*. Mar., p. 11.
Porque temos tantos vegetais? *Jochen Hawlitschek*. Nov., p. 19.
Previsões Proféticas de E. G. White. *M. N. Cordeiro*. Jul., p. 9.
Proclamai-o de cima dos telhados. *Robert S. Folkenberg*. Jul., p. 24.

Que missão a tua, professor! [poesia]. *Elias Pereira Mendes*. Jun., p. 2.
Querida Primavera [poesia]. *Igor Gonçalves*. Jun., p. 2.

Rádio Mundial Adventista está transformando vidas, A. *Andrea Steele*. Fev., p. 20.

Rádio, Uma oportunidade, A [experiência]. *Helena Marques*. Jan., p. 20.

Reflectir sobre a Educação Adventista. *Victor Alves*. Jan., p. 14.

Reflexos da «SOL». *Ezequiel Quintino*. Dez., p. 12.

Reforma da Saúde, A. *E. G. White*. Mar., p. 15.

Renova o Pentecostes, Senhor. *Robert S. Folkenberg*. Jan., p. 4.

Renovação: o modelo bíblico. *William Johnson*. Jan., p. 7.

Renovação: será uma necessidade da Igreja? *Myron Widmer*. Jan., p. 10.

Remanescente de Deus posto à prova, O. *Pedro Brito Ribeiro*. Fev., p. 9.

Sexto Mandamento, O [para os mais novos]. *M. R. Baptista*. Nov., p. 17.

Testemunho de Jesus e o Remanescente, O. *Mário Velozo*. Jul., p. 6.

Tem misericórdia de mim [poesia]. *Paulo Machado*. Jan., p. 2.

Temos boas notícias. *Joaquim Dias*. Abr., p. 4.

Tempo com Deus. *Robert S. Folkenberg*. Ag./Set., p. 20.

Tempo de agir na África do Norte. *Jean Kempf*. Ag./Set., p. 5.

Tomar a sua cruz. *Pedro Brito Ribeiro*. Jun., p. 14.

Um evangelho equilibrado. *S. J. Schwantes*. Fev., p. 13.

Um pequeno teste ou... talvez não. *José M. de Matos*. Nov., p. 18.

Um povo, um Deus. *Robert S. Folkenberg*. Jun., p. 20.

Uma mulher com uma obra invulgar [editorial]. *Joaquim Dias*. Jun., p. 3.

Uma questão de qualidade. *Victor Alves*. Jun., p. 7.

Valerá a pena? *António Dias*. Nov., p. 2.

Valerá a pena ser vegetariano? *Eunice Dias*. Mar., p. 9.

Valores da vida. *José M. de Matos*. Maio, p. 10.

Vantagem dos Adventistas. *Joaquim Dias*. Mar., p. 15.

Verão 1993: opções que a Igreja lhe oferece. Mar., p. 15.

Viagem de Lúcia, A [para os mais novos]. *M. R. Baptista*. Fev., p. 15.

Caderno Jovem

Nº 8 — Abril, pp. 9-12.

Nº 9 — Julho, pp. 13-16.

Nº 10 — Novembro, pp. 9-16.

Lendo Ellen G. White: necessidade de equilíbrio



Robert S. Folkenberg

Por meio da vida e do ministério de Ellen G. White, Deus concedeu à Igreja Remanescente um dom de valor inestimável. Tem-se afirmado com frequência que, sem o dom de profecia, a Igreja Adventista do Sétimo Dia talvez não tivesse sido bem sucedida através dos muitos obstáculos teológicos e organizacionais que tem enfrentado ao longo dos anos.

Enfrentamos, hoje, dois problemas: por um lado, a negligência desses conselhos; por outro, o abuso que se faz deles.

Negligência

Há inúmeros argumentos subtis (e alguns não tão subtis) para negligenciar os conselhos da Sra. White. Na maioria dos casos, as pessoas permitem que os «cuidados desta vida» e outros interesses impeçam que se gaste tempo com esses escritos inspirados. Alguns adventistas consideram-nos antiquados e irrelevantes, pertencendo a outra época e a outro lugar — próprios para pessoas da era pré-industrial. Outros pensam que esses escritos estão fora de lugar no panorama de uma teologia séria e exigente e de uma pesquisa bíblica «científica». Ellen White talvez possa prover-nos aconselhamento «pastoral», mas, além desse limite, observam, ela está fora da sua área de competência.

Outros ofendem-se com os seus testemunhos. Seus conselhos trazem-lhes desconforto. Prefeririam advertências genéricas que não interferissem no seu comportamento ou estilo de vida.

Abuso

No outro extremo, muitos apreciam tanto os escritos de Ellen White que substituem o «estudo da Bíblia» pelo «estudo dos testemunhos». Então, em vez de os usarem para enriquecer-se espiritualmente, seleccionam textos favoritos e usam-nos como chicote para bater nos membros da igreja, como se tivessem recebido autoridade e direcção

proféticas para tal. É lamentável que raramente demonstrem o mesmo amor e o mesmo espírito de perdão que ela exemplificou! Tal abordagem prejudica a integridade do dom profético e pode impedir os nossos esforços em demonstrar a sua utilidade perante o mundo. Se, por um lado, essa atitude pode parecer conservadora e ortodoxa, pode, por outro, dar-nos tanta preocupação quanto a negligência actual desses escritos.

Posição correcta

Os que desejam evitar os dois extremos, estão sujeitos a um terceiro perigo: paralisia. Adoptam uma postura de demasiada cautela, deixando os Testemunhos numa espécie de limbo, fingindo apreciá-los mas não lhes atribuindo um lugar de destaque na sua vida pessoal e na missão da Igreja.

Ellen White, porém, dá um conselho que nos ajuda a desenvolver uma equilibrada abordagem quanto aos seus escritos. «Nossa atitude e crença têm por base a Bíblia», afirmou ela. «E nunca queremos que alma nenhuma faça prevalecer os Testemunhos sobre a Bíblia.» — *Evangelismo*, p. 256.

Então, porque nos deu, Deus, os Testemunhos? A mesma Sra. White responde: «A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo aquele que sinceramente a deseja entender. Mas, não obstante isto, alguns que dizem fazer da Palavra de Deus o objecto dos seus estudos são encontrados vivendo em oposição directa a alguns dos seus mais claros ensinamentos. Daí, para que tanto homens como mulheres fiquem sem escusa. Deus dá testemunhos claros e decisivos, a fim de reconduzi-los à Sua Palavra, que negligenciaram seguir.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 2, p. 279.

Diante de tão claras afirmações da própria Sra. White sobre o propósito e função dos seus escritos, não deve ha-

ver ocasião para indiferença. A nossa atitude deveria ser a de estudar a Bíblia tão avidamente como se não houvesse os Testemunhos de Ellen G. White, e então volver-nos e estudar os Testemunhos tão diligentemente como se eles fossem a última e desesperada tentativa de Deus (e eles são) para remover as escamas dos nossos olhos obstinados e resgatar-nos. Mas, ao nos engajarmos nesse segundo exercício, jamais nos esqueçamos de que a Bíblia é a «luz maior», e «o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior» (*Evangelismo*, p. 257).

Se Deus foi tão generoso em dar-nos esse precioso dom, deveríamos considerá-lo um privilégio — e também uma responsabilidade — para nos familiarizarmos pessoalmente com ele.

Esse conhecimento, entretanto, não pode derivar de citações isoladas dos seus escritos, compiladas por pessoas cujo objectivo é defender ideias particulares. Ao contrário, devemos estudar os seus escritos por nós mesmos.

Orientação divina

Em suma, como sabemos, essas palavras não são de uma mulher que descansa há muitos anos na sepultura, mas verdadeiras mensagens do Deus vivo para nós.

Agradecemos a Deus esse maravilhoso dom. Que o apreciemos — não apenas em palavras, mas também em acções — e que tal interesse aumente diariamente. Confiando na liderança divina no passado, tenhamos diante de nós as imorredouras palavras de Josafat: «Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis prosperados» (II Crón. 20:20).